

UE vai endurecer regra para biocombustível importado

Andrew Bounds

Ansiosa para se distanciar da acusação de que os biocombustíveis estão gerando fome no mundo, a União Européia estuda adotar critérios sociais e ambientais mais rígidos para suas importações, que os EUA e outros grandes produtores de biocombustíveis não conseguiriam cumprir.

O critério de sustentabilidade em discussão iria, na prática, driblar as normas da Organização Mundial do Comércio (OMC) que proíbem os países de barrar os biocombustíveis. Ao excluir produtos que não preenchem esse critério, a UE retiraria o apoio governamental a eles, eliminando os incentivos para importá-los. Eles não poderiam, assim, contribuir para a meta da UE de usar 10% de biocombustíveis até 2010.

Uma opção em discussão é barrar as importações de países que não ratificaram uma série de acordos internacionais sobre padrões trabalhistas e ambientais, incluindo o Protocolo de Kyoto sobre aquecimento global, que os EUA não ratificaram.

Documentos vistos pelo "Financial Times" dizem que os exportadores têm de cumprir ao menos 10 de 12 tratados, que vão dos acordos da Organização Internacional do Trabalho (OIT) sobre igualdade de pagamento, trabalho infantil e liberdade sindical à Convenção das Nações Unidas sobre Biodiversidade. Os EUA, que temem restrições no seu mercado de trabalho, ratificou poucos desses acordos. A Malásia, um grande produtor de óleo de dendê (matéria-prima para biodiesel), também ficaria de fora, segundo dados da OIT. O Brasil é signatário desses acordos.

A segunda opção em discussão na UE é exigir que os produtores provem que eles cumprem leis nacionais que põem em prática os padrões da OIT, que o uso de pesticidas é limitado e que as populações locais tenham sido consultadas sobre as plantações extensivas para biocombustíveis. Diplomatas de países-membros da UE ainda não conseguiram chegar a um acordo sobre o quão rígidos esses critérios devem ser.

"Há um amplo consenso entre os países-membros para a inclusão de critérios ambientais e sociais na produção de biocombustíveis, independentemente da sua origem. Mas ainda há um debate sobre como implementar esses princípios", disse um porta-voz da Eslovênia, que preside essas negociações.

Alguns países, como reino Unido e Bélgica, expressaram dúvidas sobre se a UE deve manter sua meta de 10% de biocombustíveis. O comissário de Ambiente da UE, Stavros Dimas, e o de Desenvolvimento, Louis Michel, também estão questionando a meta.

Um porta-voz de José Manuel Durão Barroso, o presidente da Comissão Européia (órgão executivo da UE), disse que ele ainda apóia a meta, mas pediu informações mais atualizadas sobre os efeitos dos biocombustíveis nos preços dos alimentos.

A Comissão havia estimado, no ano passado, que cerca de 15% das terras cultiváveis da UE seriam usadas para plantações ligadas a biocombustíveis até 2020, com cerca de 20% da demanda europeia aproximadamente 14 milhões de toneladas, sendo abastecida por importação.

Além disso, a UE e os EUA devem enfrentar nova disputa depois que os produtores europeus de biodiesel pediram, na sexta-feira, que a Comissão Europeia investigue importações subsidiadas vindas dos EUA, que estariam tirando os produtores europeus do mercado, segundo eles.

Os produtores europeus podem receber US\$ 300 por tonelada se eles adicionarem um pouco de diesel mineral ao biodiesel, diz o Conselho Europeu de Biodiesel. "Essa mistura pode ser exportada para a Europa, onde está ainda habilitada para os esquemas europeus de subsídios", diz um comunicado da entidade.

Leia mais:

Para FAO, petróleo afeta mais o preço de alimento

Os biocombustíveis são vistos por muitos como o maior culpado pela crise global dos alimentos, mas especialistas dizem que outros fatores, desde a maior demanda na China a um abrandamento da produtividade agrícola, têm maior influência sobre os preços.

Estimativas da FAO, agência da ONU para alimentação e agricultura, indicam que a produção de biocombustíveis contribuiu em cerca de 10% para o atual aumento dos preços dos alimentos. Mas a própria FAO afirma que o aumento súbito dos preços do petróleo, que onera os custos de fertilizantes e combustíveis, tem um impacto maior no preço dos alimentos.

Jeff Tschirley, presidente do grupo de trabalho de bioenergia da FAO, disse: "O biocombustível tem sido apontado como culpado, mas não podemos vê-lo como o principal [fator] pela alta do preço de produtos alimentares."

Outros órgãos, como o FMI e o International Food Policy Research Institute, de Washington, estimam que os biocombustíveis tenham contribuído para uma alta de 20% a 30% no preço dos alimentos.

A FAO considera que os biocombustíveis "oferecem oportunidades e riscos" e que podem contribuir para aumento da renda rural, mas também podem ajudar a impulsionar o preço dos alimentos.

O milho e a soja estão entre as culturas cujos preços parecem potencialmente mais sensíveis à demanda por biocombustíveis.

Joseph Glauber, economista-chefe do Departamento de Agricultura dos EUA (USDA), disse que não há dúvida de que os biocombustíveis "têm um forte impacto no milho". No entanto, ele adverte que a alta das commodities tem sido impulsionada por outros fatores, como o aumento das cotações do trigo, arroz ou legumes.

O preço da lentilha na Índia, por exemplo, subiu 170% em um ano, embora o produto não tenha ligação com biocombustível.

Fonte: Valor Econômico, São Paulo, 28 abr. 2008, Especial, p. A 16

A utilização deste artigo é exclusivo para fins educacionais.